



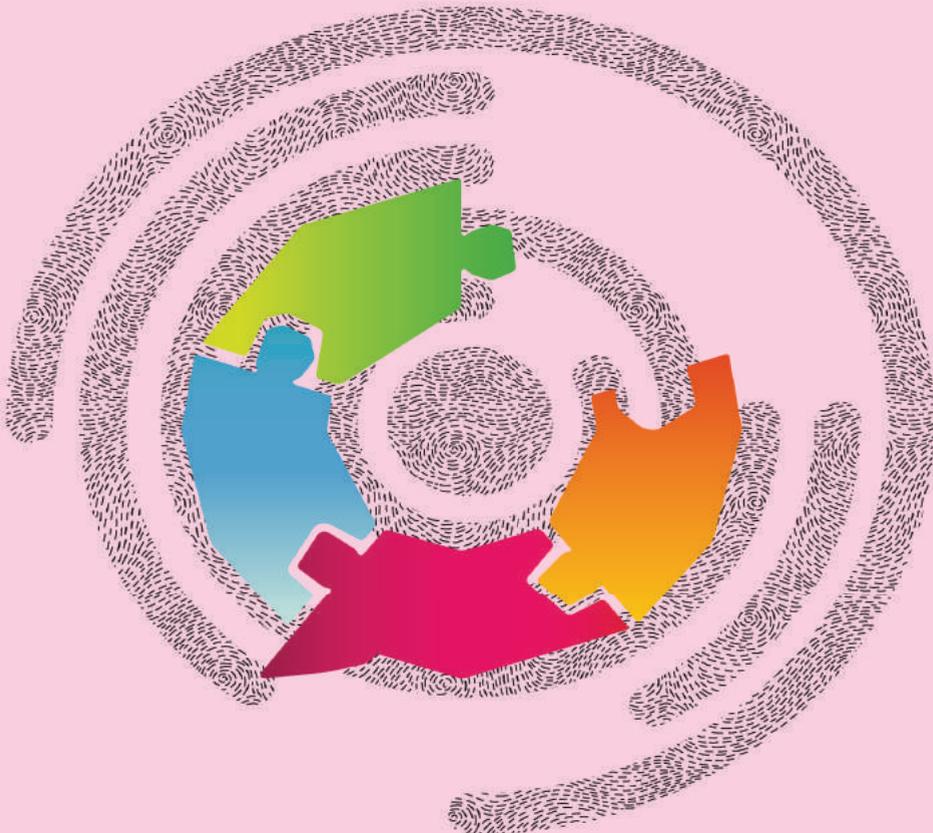
Actas

Proceedings

Colóquio Internacional Epistemologias do Sul:
aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul

International Colloquium Epistemologies of the South:
South-South, South-North and North-South global learnings

Boaventura de Sousa Santos e Teresa Cunha (eds)



Volume 3

Outras economias / Other economies

Junho - June 2015

PROPRIEDADE E EDIÇÃO / PROPERTY AND EDITION

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado
Universidade de Coimbra
www.ces.uc.pt
Colégio de S. Jerónimo, Apartados 3087
3000-995 Coimbra – Portugal
Tel: +351 239 855573/ + 351 239 855589

ISBN: 978-989-95840-5-1

Capa e projecto gráfico / Cover and graphic design

Cristiana Ralha

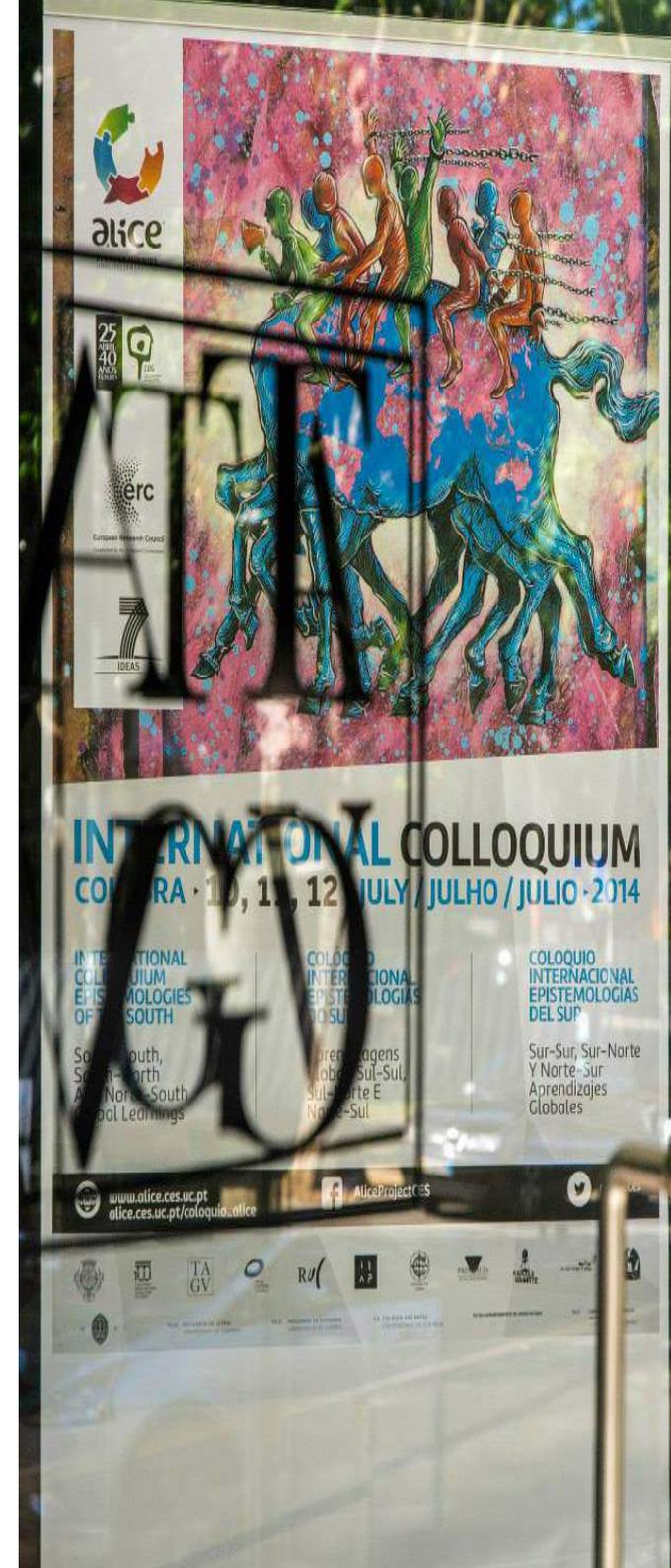
Coimbra, Junho, 2015

COMISSÃO CIENTÍFICA DO COLÓQUIO / SCIENTIFIC COMMITTEE

Boaventura de Sousa Santos
José Manuel Mendes
Maria Paula Meneses
Élida Lauris
Sara Araújo

COMISSÃO ORGANIZADORA DO COLÓQUIO / ORGANISING COMMITTEE

Alice Cruz
Aline Mendonça
André Brito Correia (Coord. do Programa Cultural / Cultural Programme Coord.)
Antoni Aguiló
Bruno Sena Martins
Catarina Gomes
Cristiano Gianolla
Dhruv Pande
Élida Lauris (Coord. Executiva / Executive Coord.)
Francisco Freitas
José Luis Exeni
Luciane Lucas dos Santos
Mara Bicas
Maurício Hashizume
Raúl Llasag
Rita Kacia Oliveira (Coord. Executiva / Executive Coord.)
Sara Araújo (Coord. Executiva / Executive Coord.)
Teresa Cunha



POR VONTADE DO AUTOR E DA AUTORA, ESTE TEXTO NÃO OBSERVA AS REGRAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO



alice



ces

Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra



erc

European Research Council



IDEAS

Foto / Photo
Rodrigo Reis

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

Este livro, em quatro volumes, resulta de um esforço colectivo que envolveu várias instituições e muitas pessoas a quem queremos prestar o nosso profundo agradecimento.



Universidade de Coimbra



Colégio das Artes da Universidade



Departamento de Arquitetura da Faculdade



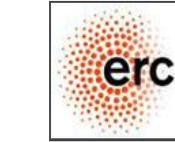
Escola da Noite / Teatro da



Faculdade de Economia da



Faculdade de Letras da



University of Coimbra



College of Arts of the University of



Department of Architecture of the Faculty



Escola da Noite / Teatro da



Faculty of Economics of the



Faculty of Arts and Humanities



Machado de Castro National



NES - Núcleo de Estudantes



NES - Sociology Student Body



RUC - Radio Universidade de



RUC - Radio Universidade de

Este livro de Actas foi elaborado no âmbito do projecto de investigação “ALICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas: Definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do Mundo”, coordenado por Boaventura de Sousa Santos (alice.ces.uc.pt), no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – Portugal. O projecto é financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação, 7º Programa Quadro da União Europeia (FP/2007-2013) / ERC Grant Agreement n. [269807].

INSTITUTIONAL ACKNOWLEDGMENTS

These Proceedings, in four volumes, would not have been possible without the kind support and help of many individuals and organizations. I would like to extend our sincere thanks to all of them.

This book of proceedings was elaborated as part of research project “ALICE – Strange Mirrors, Unsuspected Lessons: Leading Europe to a new way of sharing the world experiences”, coordinated by Boaventura de Sousa Santos (alice.ces.uc.pt), at the Centre for Social Studies of the University of Coimbra – Portugal. The project is financed by the European Research Council (ERC), 7th Framework Programme of the European Union (FP/2007-2013) / ERC Grant Agreement n. [269807].



WOMEN INPOWER WOMEN DEMOCRACIA, JUSTIÇA E BOM-VIVER EM EXPERIÊNCIAS NÃO-CAPITALISTAS EM MOÇAMBIQUE, ÁFRICA DO SUL E BRASIL

Teresa Cunha¹

Resumo

Boaventura de Sousa Santos afirma que *a compreensão do mundo é muito maior do que a compreensão ocidental do mundo* sendo esta também a ideia seminal do projecto internacional que dirige: *ALICE: Espelhos estranhos, lições imprevistas*.

É a partir desta tese fundadora que parto para questionar e teorizar, do ponto de vista feminista e pós-colonial, a existência de experiências socioeconómicas não-capitalistas, engendradas e lideradas por mulheres na África austral oriental e no centro oeste e sudeste do Brasil. Esta proposta tem uma dimensão comparativa mas atende sobretudo à importância científica contemporânea de ampliar os cânones da ciência e visibilizar, tematizar e incorporar experiências obscurecidas e activamente silenciadas que contêm pressupostos e dimensões sociais para compreender e transformar o mundo.

Nesta apresentação faço uma reflexão teórica que me assiste na discussão de dois conceitos que desenvolvo e analiso a partir das lições recebidas nos *suis não-imperiais* e que sustentam o meu estudo: a abundância e a sobriedade.

Palavras-chave: Outras economias; Dignidade Humana; Pós-colonialismos; Feminismos; Sul Global

Abstract

Boaventura de Sousa Santos states that *the understanding of the world is greater than the western understanding of the world*. This is also the seminal idea of the international research project directed by him: *ALICE: Strange mirrors, unsuspected lessons*.

Based on this foundational thesis I aim to question and theorize, from a post-colonial feminism point of view, the existence of non-capitalist socio-economic experiences, engendered and led by women in Southern Africa, South East and Centre West of Brazil. This paper has a comparative dimension and gives a greater importance to the amplification of the scientific canon opening space and the debate to look forward, discuss and incorporate experiences, which have been actively silenced but with major heuristic potentialities to understand and transform the social sphere.

In this presentation I do a theoretical reflection that assists me in the discussion of two concepts that I have been developing due to the lessons learned with the *non-imperial Souths* that underpinned my study: the abundance and the sobriety.

Keywords: Other Economies; Human Dignity; Post-Colonialisms; Feminisms; Global South

1 Teresa Cunha has a PhD in Sociology by the University of Coimbra with a comparative thesis on 'A feminist and post-colonial analysis of East Timorese and Mozambican women's power and authority strategies'. She is working in a post-doctoral project with the following title: Women InPower Women. Democracy, dignity and good-living in Mozambique, South Africa and Brazil. She is a senior researcher at the Centre for Social Studies of Coimbra University, Portugal, Associated Researcher at the Centre for African Studies of University Eduardo Mondlane, Mozambique and the CODESRIA. She is a professor at the College of Education in Coimbra and Visiting Professor at The Federal University of Rio Grande do Sul and at the National University of Mato Grosso, Brazil. Her research main interests are: feminism, post-colonialism and Indian ocean, human rights; women and post-conflict; security and memory, feminist economies. She has published the following books: Never Trust Sindarella. Feminismos, Pós-colonialismos Moçambique e Timor-Leste; Ensaios pela Democracia. Justiça, dignidade e bem-viver; Elas no Sul e no Norte; Timor-Leste: Crónica da Observação da Coragem; Feto Timor Nain Hitu - Sete Mulheres de Timor; Vozes das Mulheres de Timor; Andar Por Outros Caminhos; Raízes da Participação. She also published several scientific articles and book chapters in different countries and languages.

O conhecimento fala

A sabedoria escuta

Vovó Matimba

TEORIAS EM-PODER DELAS

A presença e a penetração do capitalismo nas nossas sociedades é tão avassaladora que procurar *outras economias*, ou seja, aquelas que estejam para além dele, em resistência a ele ou em pura fractura com ele se torna numa busca muito complexa.

Decerto que um olhar feminista pós-colonial introduz uma diferença analítica crucial que me tem permitido considerar que *no sul* e *com o sul* as lições são quase sempre imprevistas e, os espelhos, desafios maiores para uma inovação teórica. A minha abordagem feminista traz de imediato para o debate duas questões preliminares: a primeira é a da posicionalidade do olhar científico e da forma como ele sobredetermina a relação entre os chamados sujeitos e objectos do conhecimento ou, nas palavras de Sandra Harding, entre especialistas e leigos dentro da ciência. Em segundo lugar, uma abordagem feminista não ignora as relações de poder que se inscrevem e escrevem sobre a realidade social. Posicionalidade e relações de poder são dois *topoi* teóricos que questionam desconstroem dicotomias e universalismos *a priori* e ressaltam as poli-racionalidades em presença. Uma perspectiva feminista e pós-colonial não só enriquece mas radicaliza esta crítica profunda à construção da uma ciência positiva e normativa.

Afirmar-se feminista pós-colonial é sempre um múltiplo esforço de reorganizar profundamente os mapas e as agências cognitivas com os quais temos que lidar. Falar de feminismo pós-colonial é sempre, além do mais, o contacto e a perplexidade perante as memórias divergentes, as narrativas discrepantes e as histórias ao contrário. Além disso, é poder pensar para além do colonial e da colonialidade que ainda nos prende à modernidade ocidental. É um exercício constante de colocar em evidência a nossa tamanha ignorância perante um mundo pluriverso, e não o universo da imaginação colonial, e a nossa arrogância de considerar que o podemos compreender e dominar com aquilo que apenas nós inventámos: a ciência moderna. A estas forças epistémicas junto a *ecologia dos saberes* e as *epistemologias do sul* de Boaventura de Sousa Santos para poder falar e, sobretudo, escutar.

Assim, sou conduzida de imediato a fazer um exercício de *sociologia das emergências*. Procurei fragmentos, sinais, pedaços mas também estruturas operacionais de *outras economias*. A primeira consequência foi a renomeação do tema no qual se inscreve a minha pesquisa: *outras socioeconomias* em vez de *outras economias*.

A realidade com que fui contactando, as lições que fui aprendendo com esse *sul não imperial*

onde tenho trabalhado e estudado, levaram-me a perceber o quão fortes são as imbricações entre os modos sociais de existir e os de organizar e distribuir os recursos, de todos os tipos, que infra-estruturam, estruturam, alimentam e dão horizontes de futuro (bons e maus). Por este motivo a distinção disciplinar entre economia e sociedade, além de não ter sido útil, mostrou-se danosa no decurso da minha pesquisa ao tentar saber e conhecer aquilo que lá está, na realidade social, mas não está a ser visto ou está a ser olhado como meras estratégias de sobrevivência ou velhas idiosincrasias antropológicas de uma larga maioria de pessoas no mundo.

Essas socioeconomias concretas com que fui contactando e conhecendo, nasceram e criaram modos de resistência; são lutas seculares por outros modos de vida, por outros paradigmas de governo da casa mas também aparecem com adaptações funcionais, às vezes orgânicas, com o capitalismo. Decorre daqui a minha preocupação em procurar nestas realidades impuras, cheias de contradições, recusando e aceitando o capitalismo, a profundidade do social que está entalhada e que talha no que, na superfície, pode ser avaliado apenas como ausência de escolhas, pobreza, ignorância, ou modos primitivos, atrasados, obscuros, ancestrais, e pior ainda, obstáculos ao desenvolvimento, de um grupo social se organizar e tratar da sua casa, dos seus conhecimentos e dos seus bens.

É um estudo qualitativo, realizado ao longo de dois anos, com base nas narrativas de mulheres (e alguns homens) com uma dimensão comparativa. Tendo o epicentro em Moçambique inclui trabalho empírico e documental em 3 países: Moçambique nas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane e Tete; África do Sul, províncias de Gauteng e North West; Brasil, estado do Rio Grande Sul e do Mato Grosso.

A metodologia passou ainda por uma revisão abrangente da literatura (ainda não terminada) e análise documental de diversos formatos, suportes e proveniências. Utilizei a gravação de depoimentos em vídeos e da reportagem fotográfica sobre alguns dos ambientes pesquisados. O meu dispositivo metodológico cobre 3 grandes campos analíticos:

- práticas de produção, gestão e distribuição da riqueza, poupanças, empréstimos e investimentos como modos endógenos e não-capitalistas, engendradas e lideradas por mulheres, das comunidades e grupos observados;
- diferentes agências cognitivas e suas respectivas pragmáticas narradas por mulheres (e alguns homens) que estão activamente implicadas em práticas não-capitalistas;
- troca de conhecimentos entre os grupos e comunidades que implicam acções de disseminação entre as actoras locais, as lideranças femininas e as suas organizações criadas e mantidas nos seus próprios termos.

Distingo, das lições recebidas em muitas ocasiões por estes campos de trabalhos, duas características basilares que me parecem formar um padrão conceptual nas socioeconomias que estudei e que parecem ser dissociações explícitas com o modelo capitalista de organização económica e, portanto, social: a abundância e a sobriedade.

DA ABUNDÂNCIA E DA SOBRIEDADE SE TRATA O BOM-VIVER

Fortalecida por tantas que foram as lições que se esse *Sul não-imperial feminino* me proporcionou avanço combinando-as com a ideia crítica de Boaventura Sousa Santos (2004) de que as alternativas ao capitalismo só podem ser pós-capitalistas.

As duas ideias, *sobriedade* e *abundância*, que me parecem informar essa busca por um horizonte inédito mas viável, não me parecem poder ser reduzidas a meras categorias analíticas de uma sociologia de banda estreita como ainda é a sociologia *mainstream* ocidental mesmo quando questionada pelas suas versões críticas. As minhas razões para o afirmar são as seguintes: quando se enunciam essas duas entidades, sobriedade e abundância, a partir de uma geografia do conhecimento estranha, se não invisível, ao mundo ocidental, elas são constituintes vivos do princípio da não separação, compostas de complexas relações entre espiritualidades, crenças e fé; valores e identidades; memórias, rituais e símbolos; conhecimentos, práticas e tecnologias. Se para serem percebidas e tematizadas precisarem respeitar as regras da separação e da etiquetagem elas perdem sentidos e, com eles, se perderá o meu trabalho de cientista social. Por estas razões o que aqui apresento são hermenêuticas incompletas, são epistemologias compostas do lusco-fusco das minhas tentativas e das minhas ignorâncias. Contudo, são já caminhos feitos, apenas e porventura em andamento, não terminados.

Antes de me debruçar com detalhe sobre o que são, a meu ver, essas lições imprevistas da sobriedade e da abundância, é necessário analisar e definir o contexto maior em que estas entidades estão operando e criando, não apenas resistências, mas também alternativas vitais para uma larga maioria de pessoas no *Sul Global*. O tempo e o espaço aqui são escassos e vou ter que trabalhar com essa escassez, por isso, o traço é largo mas estou certa que a linguagem *sem açúcar e sem afeto* do atual reajustamento estrutural a ocorrer nos *Suis do Sul* incluindo Moçambique, África do Sul e Brasil **não** impressionará pela novidade.

A extração maciça de recursos minerais e energéticos de vários tipos; a sobre-exploração e a usurpação da terra para culturas intensivas; o deslocamento forçado de populações; a privatização de recursos vitais como orlas marinhas e ribeirinhas, e portanto do acesso à água de irrigação e para consumo biológico; o abate de florestas, a destruição de savanas e corredores da biodiversidade na terra e no mar; a reestruturação fundiária através dos planos de concessões; a especulação imobiliária; a financeirização da economia e o colapso dos mercados de pequena escala e de proximidade; o aprofundamento das desigualdades sociais; a erosão da democracia e dos sistemas de representação, governo e controlo pelas/

os cidadãos/ãos; a suspensão não-dita das garantias constitucionais e jurídicas a vários níveis; a nova retórica desenvolvimentista; os conflitos armados nas florestas, favelas ou *townships* que se desenvolvem e se alastram, são a política por outros meios hoje em dia; a insegurança cívica e a perseguição intelectual; as políticas de assimilação como os novos nomes para genocídio e epistemicídio; o empobrecimento brutal e brutalizado em que o dia seguinte é sempre o mais concreto horizonte de não existência são, entre outras, as trágicas faces do ajustamento estrutural a ocorrer nos países estudados e no mundo.

Se juntarmos a este panorama avassalador as relações de poder desiguais existentes entre mulheres e homens e que estão, tanto nos interstícios das relações sociais mais privadas às mais públicas, podemos aceitar, pelo menos, que o ponto de partida é severo, e que a posicionalidade deste conhecimento é, antes de mais, informada pela injustiça e sofrimento estruturais. Contudo, a realidade apresenta-se criativa e complexa e permite-nos ir chegando a lugares de enunciação discordantes que falam e narram *outras* divergentes maneiras de estar no mundo e de o governar. Por outras palavras, uma outra maneira de ser a própria humanidade.

Debruço-me sobre o que chamo socioeconomias engendradas e lideradas por mulheres. São socioeconomias de Bom-Viver, em que a abundância e a sobriedade são os nós de uma epistemologia complexa que *não desperdiça experiências* e que não prescinde das *ecologias de saberes* e de *escalas*.

Afinal o que sou capaz de dizer, pronunciar e analisar sobre a abundância e a sobriedade? Não prescreverei respostas, ensaio antes, uma hermenêutica feminista e pós-colonial.

DA ABUNDÂNCIA

Distingo a abundância porque reparo que os bens, valores e riquezas à disposição da comunidade-sociedade-grupo são diversos, múltiplos e fartos. A abundância é o reconhecimento da autoria, da identificação, da nomeação, da definição coletiva dos valores disponíveis em proveito de todas as pessoas e as demais criaturas do mundo a que se ligam e se interconectam. Abundância é reconhecer todos os bens que estão em presença de uma comunidade-sociedade-grupo para trocar, para distribuir e redistribuir porque o valor e preço são duas coisas diversas e não se podem reduzir um ao outro. Abundantes porque os bens-recursos não são apenas as mercadorias, o que se compra e se vende, mas sim, tudo aquilo de que a comunidade-sociedade-grupo dispõe para viver e viver bem: são os frutos da terra, instrumentos manufacturados mas também são os sentimentos de pertença e proteção, são os espíritos, deusas e deuses, são a atenção, o cuidado, são os serviços do cuidado, são a confiança, são as cadeias de produção justa e solidária, a inovação nas soluções, as tecnologias os conhecimentos e as sabedorias. A criação da escassez é um dos principais recursos do capitalismo para poder garantir a acumulação, o lucro e o poder de alguns. Pelo contrário, reconhecer e definir a fartura e a abundância são um dos principais modos de

definir uma socioeconomia não-capitalista porque rompe com o poder do uso exclusivo da força da acumulação sem fim.

Em Porto Alegre, nas ruas da baixa, junto à Olaria, um grupo de mulheres e homens reúne-se. Quando não há uma sala disponível, reúnem-se na rua, espaço de todas e de todos e começam por decidir a pauta do dia que será também a pauta do próximo número do jornal 'Boca de Rua'. O 'Boca de Rua' é um jornal colectivo, criado e feito por aquelas pessoas a que na sociedade se conhecem por moradores de rua, sem tecto, sem abrigo. Não têm bens, nem lugar para morar. Deambulam. Não têm nada, parece ser o caso. São os pobres que a cidade não quer ver espalhados por aí, na rua. Mas o 'Boca de Rua' diz exactamente o contrário porque há quase dez anos que é editado todos os meses, ganhou prémios e tem sempre matéria actualizada e de interesse para se compor e escrever. Naquele grupo de mulheres e homens abundam as ideias, as palavras, o sentido da oportunidade, as competências para escrever, tirar fotografias realmente pertinentes da e para a cidade. Naquele grupo abunda também o brio de fazer uma coisa bem feita porque não fica para elas e eles mas sim para todas e todos que queiram ler o seu jornal. Abunda dignidade, abundam ideias de como lutar e conseguir a máquina que vai imprimir, mês após mês o seu jornal. E ainda por cima quem lidera e agrega todo o grupo é Rosina, uma mulher que um dia salvou um gigante da sua ilha-prisão.

A abundância de ideias, de dignidade, de interesse pelo colectivo é um elemento de um outro paradigma socioeconómico que está por se cumprir porque não transforma nem em mercadoria nem em lixo os recursos, as ideias, as coisas, as tecnologias ou os saberes.

Entre em casa da Nomarussia no East Rand, uma township como todas as que vi nos arredores do Joburg. Nomarussia é uma senhora de uma delicadeza extraordinária que me acolhe com simpatia e disponibilidade. Ela lidera um grupo de mulheres e homens que desde 1994 lutam pelas reparações devidas pelas perdas e violências cometidas contra elas e familiares aquando do final do regime do apartheid na África do Sul. Estão reunidas/os numa divisão da casa que deveria ter sido uma garagem se houvesse carro para lá estacionar. Durante mais de 4 horas cada uma daquelas pessoas falou sobre si, sobre as violências sofridas e sobre os seus direitos a uma justa reparação por parte do Estado. Nomarussia traduziu palavra por palavra para inglês para que eu pudesse entender e conversar com todas e todos. A reserva de sabedoria e de conhecimentos especializados sobre acontecimentos e também sobre as leis do país foi farta, foi decisiva para eu poder compreender a dimensão do conflito que afinal nunca se fechou, até agora. No final, já seriam umas 15h foi servido um almoço para toda a gente. Eu tinha levado uns refrescos e uns

biscoitos mas eram insuficientes para tanta gente. Perguntei a Nomarussia como tinha feito e se seria preciso alguma ajuda. Ela sorriu e declinou. Prato a prato foi distribuído o que havia para comer e que foi suficiente: um belo caldo com sabor a peixe, massa e um pedaço de pão. Os refrescos foram servidos ao copo por pessoa. Foi divertido, cantou-se e dançou-se e consegui falar com muita gente, sempre em inglês porque ali, a única que não sabia línguas, era eu.

A abundância é capaz de reinventar o círculo virtuoso da utilidade social e o prolongamento da vida através do cuidado e trocas solidárias, que não se esgotam e que aumentam o poder de relação positiva entre as comunidades e o mundo. Nesta economia da abundância consumir é também usar em reciprocidade; é investir e poupar porque atribui valor social e perspetivo a todas as dimensões e potenciais de riqueza das comunidades e valoriza todos os aspetos do bem-viver. A economia da abundância é o contrário político, económico e ético da austeridade que é uma outra maneira de dizer uma economia de escassez na qual só alguns podem ter lugar e viver bem.

Mamã Hermínia levanta-se para falar no Colóquio Internacional. E começa por se apresentar dizendo o seu nome e o nome do seu projecto comunitário lá no Chibuto na província de Gaza: Pfuneca. Como olhou em volta e viu que nem toda a gente fala changana explicou que Pfuneca quer dizer 'mais ou menos' em português 'venha ajudar-se'. A associação é composta por pessoas viventes com HIV/SIDA que não têm acesso aos serviços de saúde ou aos medicamentos que se têm que comprar na farmácia. O pouco dinheiro que conseguem, gastam com a família, normalmente comprando alguma comida que não há em casa. A ideia da mamã Hermínia foi simples. Ela tinha ouvido falar numa coisa parecida e resolveu colocar em prática. Chamou algumas das mulheres que conhecia na vila e propôs-lhe fazer um cofre. Cada uma delas foi convidada a fazer parte do grupo colocando a quantia de dinheiro que pudesse, em cada mês, no cofre de todas. Tudo ficaria registado: nome, mês, quantia guardada. Decidiram depois que 5% do que fosse colocado no cofre ficaria à disposição de todo o grupo para alguma emergência relacionada com a doença e o restante iria ser guardado e redistribuído à vez. Ela enfatizou de imediato, que passado um mês já eram 30 mulheres no grupo e que passado um ano já são 20 grupos de 35 pessoas cada um. Alguns homens ao constatarem os benefícios também resolveram aderir e foram bem-vindos. Hoje em dia há 20 cofres e a discussão que a associação tem em cima da mesa é como gerir de forma justa e equitativa tanto dinheiro e se devem ou não constituir mais grupos em outras localidades do distrito que estão a pedir a sua integração. Onde havia doentes continua a haver doentes mas todas e todos têm uma segurança social e dinheiro para melhor as suas vidas conforme o

decidirem. Achei muito interessante. Vou ter que perceber melhor como funcionam estas abundâncias das quais apenas uma pequena parte vai parar dentro dos cofres de madeira com cadeados de duas chaves.

DA SOBRIEDADE

Em segundo lugar, combinando-se com a abundância, surge a sobriedade. A sobriedade é uma prática que garante a redistribuição justa dos recursos, quaisquer que estes sejam, pelas pessoas e para assegurar a vida em todas as suas dimensões. A sobriedade, tal como a venho entendendo, é o contrário da renovação obsessiva do novo – aqui a redundância é propositada. É uma ruptura com a vertigem de eliminar o passado, subsumir o presente para imaginar-se estar sempre no futuro. A sobriedade, pelo contrário, é a fiança de um tempo que se valoriza e se enriquece à medida que não cede aos curtos-circuitos do que ainda agora era novo e logo em seguida obsoleto. Sobriedade é também quando se olha para um objecto como se ele fosse algo de orgânico cuja vida deve ser prolongada e atenciosamente cuidada para que o trabalho que facilita ou que oferece possa também ele ser repetidamente posto ao serviço dos fins para que foi criado. Não é avareza é o contrário do desperdício; não é porque não é possível comprar mais, repor, encontrar no mercado das coisas, é multiplicar a utilidade vital e funcional das coisas; é o contrário do *pensamento descartável* é uma hermenêutica de cuidado de preservação orgânica entre criaturas e instrumentos.

Entrei no consultório da Mãe Duzéria com o consentimento dela. À porta ficam as chinelas, dela e as minhas, lá dentro uma penumbra, mal se vêem as paredes que cobertas daquele barro cinzento se misturam com a luz coada do dia. Sentamo-nos cada uma de nós na sua esteira, frente a frente, e começamos a nossa conversa. Não vejo quase nada naquele consultório, apenas ao fundo um cesto e ao lado do cesto uma pequena estante com frascos velhos. À medida que os meus olhos se refazem à penumbra espero ver mais detalhes mas, na verdade, não havia mais nada para ver. É o consultório médico mais sóbrio que alguma vez vi. Dentro do cesto estão os instrumentos do trabalho de diagnóstico. A estante é uma farmácia completa. Do lado direito da Mãe Duzéria uma lista telefónica. Pode-se até pensar que estava perdida algures no passado e na pobreza de quem não pode ir ao hospital. Mas afinal, no final da conversa, decidi ir por outro caminho e vi sobretudo a sobriedade dos actos médicos ali praticados nos quais se inscrevem 3 anos intensos de preparação inicial, testes, validação dos conhecimentos pelos pares, anos de experiência clínica sem nunca precisar de acender as luzes que revelam o quadro com o último certificado de participação naquele congresso médico onde o prestígio se mede pela imponência do futuro que se apresenta.

A sobriedade é também o contrário da ganância. É o reverso da avidez de ter sempre mais, acumular, fazer armazém de coisas mas também de poder. A sobriedade é saber aplicar a justa medida das coisas, dos poderes, dos recursos àquilo para os quais são convocados para o Bom-Viver de todas e todos. A sobriedade é uma forma de radicalização da democracia uma vez que ao invés de acumular poder, estatuto, honras, direitos, prerrogativas, recursos, impele à *autoridade partilhada* e disciplina a pulsão destruidora da autocracia e personalismo.

As meninas do 'Horizonte Azul' acabaram de interpelar a Alta Comissária da Polícia de Maputo sobre a situação de insegurança permanente que as elas vivem sobretudo no caminho para a escola e de volta a casa. Sucedem-se as violações, raptos, o assédio, agressões verbais e elas sentem que nada acontece para que se mudem as coisas. Na verdade, estas meninas adolescentes de 13 aos 18 anos falaram sem medo e articulando bem a sua experiência com a lei em vigor questionando e deixando a Comissária zangada por se ver sem poder para voltar ao seu registo autoritário no qual prevalecem a demagogia e o paternalismo. E não foi uma menina apenas que falou e questionou, foram 14 numa sala com cerca de 50 pessoas a assistir. Nenhuma delas levantou a voz e todas, sobriamente, respeitaram o estatuto da Alta Comissária da Polícia. Estou feliz por poder assistir a esta sessão e pergunto-me se alguma vez eu vi tanta coragem, tantas questões difíceis e bem postas em outro lugar do mundo num seminário como este. A Dalila Macuacua é a jovem que lidera o 'Horizonte Azul' e que está sentada ao meu lado. Sorri mas não diz uma única palavra. O trabalho dela não é falar mas escutar como as meninas que lidera impressionam quem as ouve e como sabem dizer não quando são ensinadas somente a obedecer.

A sobriedade, como até aqui a tenho apresentado põe em evidência, por um lado, a *ecologia das temporalidades* que a sustenta e lhe dá múltiplos sentidos e, por outro lado, as suas virtudes democratizadoras de *alta intensidade*. Por último, gostaria de me deter sobre uma outra característica da sobriedade imbricada nas lições das socioeconomias desses *suis não-imperiais* a que submeti as minhas *ignorâncias imperiais*. A sobriedade funciona em muitos casos como a vital necessidade de uma redução drástica dos custos com as luzes. Quando digo luzes, não digo lâmpadas, candeeiros ou outros artefactos movidos a energia elétrica de qualquer origem. Opto por dizer Luzes no sentido das epistemologias das Luzes, centradas no vórtice probatório do olhar, no olho logocêntrico e na presunção de que essa Luz irradia e pode explicar o mundo todo. A sobriedade é o desvio do olhar para dar lugar ao corpo todo, criando espaço e tempo para a reparação dos danos provocados pela violência tão colonial de separar, dividir, implantar fronteiras nas quais se assegura a desigualdade da alteridade subalterna.

Depois da embaixada assegurar que as visitas eram de confiança aconteceu o primeiro encontro com a comunidade Guarani na Lomba do Pinheiro. Este

serviu para que o Cacique José Cirilo avaliasse se a embaixada não se teria enganado. Ele reforçou a sua postura de líder indígena tantos nos gestos como nas palavras. Escutou muito mais do que falou e quando falou apenas disse o que lhe interessava. Nada mais. Todo o encontro foi confinado à pequena sala que serve de escola às crianças da comunidade. Foi depois, por um recado enviado que concordou com um encontro mais prolongado e directo com a matriarca, senhoras e meninas da comunidade. Tinha feito as suas consultas, reflectido e mandou dizer que seria um prazer receber-me. Isto foi muito importante para mim mas o mais surpreendente, pelo menos para mim, estaria por acontecer. Com uma pontualidade exemplar, a Maria Eugénia, a matriarca guarani, reuniu as mulheres da sua comunidade para podermos conversar. Trouxeram os seus artesanatos, as crianças de colo e sentaram-se em roda. Maria Eugénia sentou-se virada para uma das suas noras olhando para ela e iniciou a conversa na língua guarani alegando que não saberia falar em português. Durante toda a nossa conversa só a nora da matriarca olhou para mim quando traduzia para português a fala das outras. A Maria Eugénia falou com os olhos postos na nora, e todas as outras mulheres falaram olhando para a Maria Eugénia ou olhando para os filhos. O não olhar para mim foi o exercício de um poder que eu não soube nomear. Não foi humilhante, apenas me fez aprender a falar com a sobriedade de uma visitante que respeita a sua anfitriã. Não foi um encontro, nem uma conversa, muito menos uma entrevista, foi um e decisivo exercício de sobriedade.

CONCLUSÃO

Neste trabalho parto de uma perspectiva feminista e pós-colonial, dando relevo à geografia política e posicionalidade de todos os conhecimentos e transversalidade das relações desiguais de poder entre mulheres e homens na produção de conhecimento mas também nas relações sociais. Suplementei este patamar teórico com as teorizações de Boaventura de Sousa Santos sobre *Epistemologias do Sul*, *Sociologia das Emergências e Ecologia de Saberes*. Toda esta urdidura teórica serviu-me, não apenas para me assistir na análise que se seguiu, mas também para a confrontar com o que o trabalho empírico que realizei durante dois anos nos *suis não-imperiais* da África austral e América do Sul. Em seguida, tracei em desenho largo algumas das características do contexto de penetração e impactos concretos do capitalismo neo-liberal contemporâneo global para poder evidenciar tanto os estranhos espelhos encontrados como as lições imprevistas que recebi.

Na segunda parte do texto, apresento e discuto as entidades socioeconómicas da abundância e da sobriedade ao mesmo tempo que uso as minhas notas de campo para, ainda que muito imperfeitamente, o espelho reflecta e me deixe conhecer de cabeça para baixo e de *patas*

arriba².

REFERÊNCIAS

O carvão de Tete a arder no coração de Moçambique

Mutia nunca chegou a entender bem quem eram aquelas pessoas de quem o vovô falava. não conhecia nem a família nem o nome mas deixou-se ficar e ouviu. O velho Assumê afirmava que uma gazela e uma leoa do mato tinham estado por lá protegendo aquela criança que uma mãe tinha dado parto por ali. Mutia repensou muito nessa história agora que se tinha decidido a não acreditar mais nas palavras do vovô que o tinha ensinado.

A vida que de todo se tinha modificado, que ele desaguentava ver como sua o tinha levado a esta situação. Desde que o milho fora plantado na machamba que a sua esposa lhe pedia uma capulana por semana e insistia todos os dias que era a sua obrigação como marido dar-lha.

- Não vês como as esposas dos teus amigos andam bonitas com as suas capulanas novas, marido?

O seu coração de marido arfava e as dignidades de homem rompiam-se em prantos, a sua macheza se desmoronava na resposta sempre igual:

- Esposa mas eu não tenho dinheiro para te comprar a capulana nova.

Mutia só entendia que desde que chegaram aqueles estrangeiros que falam português de uma maneira que ele nunca tinha ouvido, nem na Nação, nem chefe, nem por homem grande, nem por mulher nem por feiticeira que nele lhe arrebetava em dores na alma. as coisas estavam a rodar tão depressa que lhe faziam espasmos no peito. vieram máquinas, carros grandes, casas grandes e o ar se encheu de carvão e as machambas começaram a ser esmagadas por 20 000 meticais e as nossas casas desconstruídas e matadas por dentro e por fora. pareciam as águas do Zambeze invadindo, e que tudo deixam apagado quando passam revoltadas com o vento e com os raios das trovoadas, mas em a sua húmida humildade de se retirarem depois da tempestade.

- são uns confusos, estes estrangeiros, só arranjam confusão. até confusam com esposas. Filhas, mães e até irmãs e não têm respeito nenhum murmurava sem coragem Mutia já que um dia a sua esposa chegou a casa com uma capulana nova.

foi uma e depois uma outra ainda mais bonita seguida de mais duas e quando chegou a outra Mutia já não as queria contar porque a voz da sua macheza lhe desconhecia a sua própria boca.

² Parafraseando o título do livro de Eduardo Galeano: Patas arriba. La escuela del mundo al revés, 1998. Buenos Aires: CATÁGOLOS.

não havia razão nenhuma para esperar. se ele já tinha resolvido desacreditar na história do vovô Assumé que ele chamava de natal porque havia de contar com a vida que antes conhecia? Estava tanto calor que os braços adormeciam e as mãos dormiam com eles. era aquele tempo em que a gazela e a leoa tinha estado lá, lá naquela casa onde deu parto aquela que vinha caminhando desde o Malawi e foi parar na localidade de Nheleti.

Dormidos e adormecidos os braços e as mãos finalmente deram conta da ordem da sua vontade e cortaram o seu pénis com a catana mais pequena. colocaram-no numa caixa e mandou-os entregar a relíquia das suas indignidades na casa da sogra e do sogro com uma carta que dizia assim:

- devolvo e guardem porque é por causa dele que estou a sofrer.

e sentou-se para que Assumé regressasse com mais uma das suas lições em que ele pudesse confiar.

Santos, Boaventura de Sousa (2013), *Se Deus fosse um activista dos direitos humanos*. Coimbra: Edições Almedina.

Santos, Boaventura de Sousa (2006), *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (orgs.) (2004), *Produzir para viver. Os caminhos da produção não capitalista*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (orgs.) (2009), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina.